

espécie de unidade do saber e à filosofia como introdução às ciências, conclusão que foi também a de Hegel e que desvincula qualquer ciência particular do exotismo regionalista da especialização objectivista, colocando-a numa plataforma comum e mais elevada, isto é, no plano metafísico.

Para atingir estas alturas, o método a seguir é o da redução ou *epoché*. Mas, para aí chegar, é preciso esclarecer outro conceito base da fenomenologia, o da «intenção». O psicólogo Adler é de opinião que cada ser humano traz em si mesmo, como que inscrito no seu destino pessoal, um «plano vital», aquilo a que Platão chamava *thymós* e que viria a ser como que um código cibernético, que cada um de nós possui desde o início, na sua *psyché* ou na sua *bios*, e cujas estruturas íntimas ou possibilidades condicionam ao longo da vida o comportamento de cada um. Husserl eleva-se acima do meramente psicológico, como também do platónico, para encontrar na intencionalidade a característica da consciência. Amor em si mesmo, sem objecto a que se dedique, não existe; como não existe um objecto, separado da nossa intenção de o conhecer. Não somos um espelho nem um caixote de imagens: somos algo aberto para as coisas, dispostos a operar uma visão do mundo. Estamos intencionalmente inclinados para o *Lebenswelt*, em atitude permanente de nos unirmos ao objecto, de o reconhecer em cada fenómeno, de o relacionar com o seu atributo ou qualidade universal. O que nos interessa não é o visível, o imediato, o alcançável, o experimentável: é, sim, o autenticamente cognoscível e utilizável, a fim de que cada um possa ter uma visão profunda e válida do todo.

Dentro desta visão, verifica-se claramente como o *nouveau roman* se torna parcialidade objectivista, do mesmo modo que certo estruturalismo. A vida é irreductível; e os nossos instrumentos de investigação ou os nossos sistemas sociais e políticos não nos podem proporcionar uma imagem completa da mesma, mas apenas partes perigosamente não representativas. Todo o socialismo, economismo ou psicotecnicismo actuais desaparecem, enquanto explicações universais ou soluções práticas eficazes, em contacto com a fenomenologia. Em contrapartida, existe uma sociologia fenomenológica, ou uma psicologia ou até mesmo antropologia, que seguem a doutrina husserliana e procuram apreender o fenómeno, a autenticidade do seu objecto, e unir-se a ele, diria, num gesto eidético, o que viria a dar numa espécie de união entre o sujeito e o objecto realizada mediante a *epoché*: um abraço essencial entre o conhecedor, a consciência e a realidade. Nesta sentido, «intencionar» significará ir mais além do visível, conhecer as essências, passando por cima da redução feno-

*Thymós = plano vital*

menológica que elimina o inútil ou o inautêntico. É fácil verificar a importância que teve tudo isto, por exemplo, para a psicologia.

Não se trata já de tomar em consideração uns tantos factos individuais, como faziam os psicólogos ligados ao positivismo, como Freud e Adler; trata-se, sim, de encarar os fenómenos psicológicos como «objectos gerais»; olhar menos, por exemplo, à percepção ou sensação em si, ou à vontade, e mais ao que uma sensação ou percepção, na sua essência, quer dizer. Situa-los num conjunto consciente, dentro de certas normas, com o fim de voltar a encontrar as coisas em si mesmas, e não como visões individuais experimentáveis.

Sartre e Merleau-Ponty na França, Heidegger e Jaspers na Alemanha, encararam a psicologia sob este ponto de vista filosófico. Foi, porém, Ludwig Binswanger quem, em seus tratamentos psicoterápicos, aplicou a fenomenologia a cada caso individual, conseguindo libertar o doente do seu «teatro particular» e obrigá-lo a participar na vida universal. Toda a escola chamada *Gestaltpsychologie*, ou psicologia da forma, parte de Husserl, sendo como é fundamental a unidade homem-mundo.

Uma ciência histórica baseada também na essência dos acontecimentos, nos fenómenos, que não só em alguns factos narrados por meia-dúzia de documentos mais ou menos verídicos, poderia igualmente apresentar-nos uma imagem do futuro completamente distinta, por exemplo, da técnica marxista ou da seguida pelos escravos dos arquivos, satirizados por Toynbee no seu *Estudo da História*. Altamente digno de nota é o facto de tanto Spengler como Frobenius e Toynbee serem contemporâneos de Husserl e orientarem a história no sentido do eidético e da totalidade.

Trata-se, portanto, de um «ir às próprias coisas», o que havia sido ignorado tanto pelo psicologismo relativista como pelo materialismo de qualquer matiz. Esta maneira profunda de ver as coisas implica aquilo a que os antigos chamavam *metanoia*, quer dizer, uma mudança essencial, uma revolução interior, que tanto pode ser levada a efeito por um génio como pela consciência mais modesta; visto não haver vida interior pobre, segundo a chave que a fenomenologia nos apresenta da alma. Há somente um situar-se intencional dentro do mundo, que eleva cada ser humano aquilo que o seu próprio *thymós* ou plano vital lhe permitirá ser em plenitude. O drama desta posição em face do mundo e com o mundo é que faz de nós aquilo a que Teilhard de Chardin chama, usando um conceito husserliano, um «fenómeno» humano.

É possível que venha a fazer-se um dia uma interpretação mais